

REFLEXÕES ACERCA DA *WEBCOMIC* “ARLINDO”, DE LUIZA DE SOUZA, À

LUZ DE ÉMILE BENVENISTE

*REFLECTIONS ABOUT LUIZA DE SOUZA’S WEBCOMIC “ARLINDO” IN THE
LIGHT OF ÉMILE BENVENISTE*Marianna Rego¹Jéssica Iung²

RESUMO: Este trabalho busca analisar a relação entre língua, linguagem e sociedade no capítulo 28 de “Arlindo”, *webcomic* de Luiza de Souza. A partir da perspectiva de Émile Benveniste, propomos uma análise textual como materialização discursiva, cujo foco se estabelece sobre o processo de enunciação, parte integrante do princípio unificador do autor de que o *homem está na língua e na linguagem* (BENVENISTE, 2006). Além disso, pretendemos explorar de que maneira “Arlindo”, no recorte em questão, movimentada a noção de construção da referência no discurso.

Palavras-chave: cultura; intersubjetividade; linguagem.

ABSTRACT: This paper seeks to analyse the relationship between language and society in chapter 28 of “Arlindo”, Luiza de Souza’s *webcomic*. Based on Émile Benveniste’s perspective, we propose a textual analysis as discursive materialization, whose focus is established on the enunciation process, which is an integral part of the author’s unifying principle that man is in language. (BENVENISTE, 2006). In addition, we intend to explore how “Arlindo”, in the analysis under focus, moves the notion of construction of the reference in the discourse.

Keywords: culture; intersubjectivity; language.

¹ Mestranda, FURG.

² Mestranda, FURG, bolsista CAPES.

1. INTRODUÇÃO

Muito antes dessa expansão tecnológica que transformou nossas vivências em uma grande rede de compartilhamentos instantâneos, das quais emergiu a necessidade de os sujeitos expressarem seus posicionamentos frente às discussões de qualquer natureza, os estudos linguísticos já teciam considerações acerca de língua, linguagem e sociedade. Pretendia-se, a partir dos postulados de Ferdinand Saussure, primeiramente, elevar a linguística ao *status* de ciência, como qualquer outra área de conhecimento. Assim, especificando um objeto de estudo — naquele momento, a língua em si mesma — sem deslocar seu foco às relações discursivas.

Por conseguinte, com esse advento da linguística, diversos autores agregaram suas pesquisas à área, com novas teorizações relacionadas aos estudos da linguagem. Nesse sentido, a teoria benvenistiana, que inicialmente serviu de “apoio para a Pragmática, para a Análise do Discurso e para a Linguística Textual” (FLORES, 2016, p. 04-05), quando olhada de modo mais profundo, permite, com base em seu princípio fundador de que o homem está na língua/linguagem, prosperar novos horizontes de interpretações em relação aos textos e aos discursos nos quais estamos imersos diariamente. Dessa forma, neste artigo, propomos analisar o capítulo 28 da *webcomic* “Arlindo”, da ilustradora Luiza de Souza³, que é semanalmente publicada no *Twitter* e no *Instagram*, com os objetivos de (i) abordar a cultura como fenômeno simbólico; (ii) perceber como se estabelece a relação língua, linguagem e sociedade, e (iii) refletir sobre a materialização da língua como possível resultado do processo de enunciação.

Segundo Émile Benveniste (1989, p. 84 *apud* FLORES, 2016, p. 02, grifo do autor): “a enunciação pode se definir, em relação à língua, como processo de

³ Todo o portfólio da ilustradora está disponível em: <https://ilustraluportfolio.tumblr.com/>.

apropriação”. Temos, então, o locutor como responsável por esse processo que, ao se exprimir, torna seu o que está contido na língua, o que chamamos de sujeito da enunciação, responsável por apagar a presença do homem na língua (FLORES, 2013, p. 02). Desse modo, estabelecemos uma abertura à possibilidade de reflexão proposta neste artigo.

A escolha por esse objeto de análise deu-se em função do grande impacto que as redes sociais promovem nos jovens a partir da veiculação de histórias como a da personagem Arlindo. Nesses espaços *online*, os textos operam como materialização discursiva a qual se constitui com base em nossa experiência sociocultural, que vai ao encontro do que reforça Benveniste com os axiomas língua e linguagem. A fim de cumprir com o que é proposto, dividimos o artigo em quatro seções, para que se contemple, de forma eficiente, não só os aspectos teóricos e metodológicos, mas também a exposição e a análise do recorte escolhido que envolveram a elaboração deste trabalho.

2. BENVENISTE E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Nesta seção, pretendemos revisitar os tópicos estudados nas aulas da disciplina de “Bases Epistemológicas da Linguística” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), à qual nos filiamos, que desempenharam um papel essencial à delimitação do objeto de análise deste artigo. Sendo assim, a partir de uma visão geral da teoria benvenistiana, buscamos tornar evidente a importância de Émile Benveniste aos estudos da linguagem.

É sabido que a teoria enunciativa se centra na relação homem, língua e linguagem. Diante disso, é “de fato e dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 2005, p. 27), mas há questões

terminológicas que detêm nossa atenção quando nos aventuramos nos postulados de Benveniste apresentados neste trabalho. Há no autor a correlação entre os termos que compõem seus estudos, isto é, não existe uma possibilidade de modelo acabado de pesquisa cuja aplicação pode se dar como em teorias formalistas, por exemplo, pois “cada texto encerra, em si, maneiras específicas de analisar as línguas, a língua e a linguagem” (FLORES, 2016, p. 11). Dessa forma, é importante estabelecermos um ponto de vista epistemológico quando entendemos que a enunciação enquanto produto não é o foco desta breve pesquisa. Interessa-nos, a partir desse autor, olhar para o processo de enunciação o qual parte da noção do homem que se constitui sujeito na relação de dependência com o outro. Nesses termos, destacamos o que o pesquisador Valdir do Nascimento Flores (2009, p. 146 *apud* FLORES, 2016, p. 10) traz sobre a questão da intersubjetividade e da subjetividade em Benveniste:

Em suma, a Teoria da Enunciação de Benveniste tem como fundamento a noção de intersubjetividade, já que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e essa condição está na dependência da existência do outro. Como exemplo, pode-se considerar que a intersubjetividade se marca na língua pela relação de oposição pessoa eu/pessoa não-eu, distinção necessária à noção de unicidade de cada uma das pessoas. Essa unicidade se apresenta em uma relação complementar, que é intrínseca à relação de subjetividade — há pessoa subjetiva porque há pessoa não subjetiva, relação que pode inverter-se. Intersubjetividade é, então, noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade. (FLORES et ali 2009, p. 146 *apud* FLORES, 2016, p. 10).

A partir dessa relação opositiva e constitutiva do sujeito é que se reforça que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Toda a língua é uma potência subjetiva, na qual a categoria não pessoa constitui-se como um *ele*, sobre o qual se tem um objeto situado, com base em um *eu* que enuncia. Por isso, pressupõe a intersubjetividade, que é noção primeira (FLORES et ali 2009, p. 146 *apud* FLORES, 2016, p. 10), visto que trata da capacidade do homem de se construir como sujeito com a conversão da língua em discurso.

Ainda, quando se trata do princípio unificador de Benveniste, de que o *homem está na língua e na linguagem*, existe uma questão que foi muito bem observada por Flores (2017): afinal, do que se trata dizer *na língua e na linguagem*? Para Flores (2017, p. 12), trata-se de dois axiomas, um geral — a linguagem — e o outro específico — a língua —; frente a isso, a significância (FLORES, 2017, p. 12) é o operador responsável pela transição do que é geral ao que é específico. Além disso, salienta que “o *homem na linguagem* é a condição inscrita na condição de todo falante” (FLORES, 2017, p. 12, grifo do autor), antes mesmo do ato de fala. É evidente, então, em consonância ao que se entende como subjetividade e à consolidação da categoria de pessoa através das formas da língua, que o processo de apropriação (BENVENISTE, 2005, p. 84) pelo locutor pode ser visualizado conforme o esquema apresentado na Figura 1:

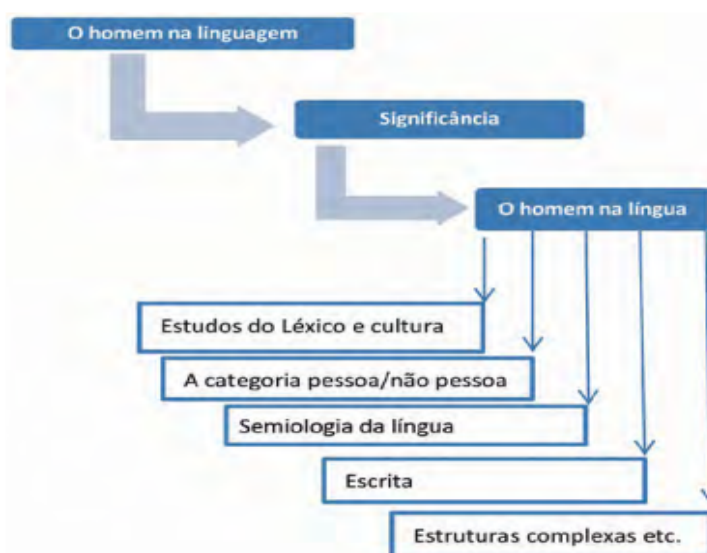


FIGURA 1 — *PRINTSCREEN* DO ESQUEMA APRESENTADO POR FLORES

FONTE: Flores (2017, p. 15).

Desse modo, é para o processo de enunciação e de realização da instância de discurso que podemos nos direcionar agora, já que nos interessam aqui os aspectos mencionados em *o homem na língua* na Figura 1. Em “O aparelho formal de enunciação”, um dos textos mais referidos pelos estudiosos dessa teoria, Benveniste dedica-se a elencar os elementos que constituem o quadro enunciativo, bem como enfatizar que “a enunciação é este colocar em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Para o autor, a linguagem não é um “instrumento” (BENVENISTE, 2005, p. 284), pois é intrínseca ao homem, isto é, não foi inventada por ele, como uma flecha ou um martelo (BENVENISTE, 2005, p. 285). Nesse sentido, a linguagem dispõe de um “funcionamento simbólico”, logo, o que oferece uma “função instrumental” é a palavra, que está na língua e somente tem sua comunicação possível quando habilitada pela própria linguagem (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Por consequência, o ato, a situação e os instrumentos tornam-se o centro dos desdobramentos da definição a qual afirma que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Nessa perspectiva, é a partir do ato de enunciação que o indivíduo lança o outro diante de si, logo, insere-se não só na língua, mas também no mundo, como um reflexo de se ter um “outro” implícita ou explicitamente na situação, que é sempre de discurso. É na situação, pois, que a língua expressa determinada relação com o mundo, a qual não é especular. Desse modo, quando Benveniste diz que “a referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 84), temos que ela não é dada *a priori*, e sim construída no e pelo discurso, sob o pressuposto da intersubjetividade. Em função do ato e da situação é que os instrumentos (a saber, os índices específicos — categorias de pessoa, espaço e tempo e as funções sintáticas —, as modalidades formais e os

procedimentos acessórios) operam, com base na estrutura de diálogo, condição essencial ao processo de enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Ainda em relação à construção da referência na instância de discurso, é importante destacar que o sujeito “relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como representação de objetos e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais” (BENVENISTE, 2005, p. 30), o que só é possível porque o homem possui uma faculdade de representação simbólica. Pelo fato de o homem, a língua e a linguagem serem indissociáveis da sociedade é que a cultura se manifesta como um fenômeno simbólico, que contém um grupo muito complexo de representações e que é acessado pelo indivíduo através da língua. Assim, “ele assimila a cultura, perpetua-a ou transforma-a” (BENVENISTE, 2005, p. 32-33).

Se a língua, em um primeiro momento, foi considerada um sistema, como em Saussure, Benveniste subverte essa perspectiva em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (2006). Ciente de que a intersubjetividade se trata de noção primeira na teoria enunciativa (FLORES et ali 2009, p. 146 *apud* FLORES, 2016, p. 10), são as relações entre língua e sociedade enfatizadas no artigo em questão:

A língua é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra. (BENVENISTE, 2006, p. 93, grifo nosso).

Entretanto, embora se trate de uma relação de interdependência, Benveniste também enfatiza que ambas entidades não são homólogas, ou seja, são de naturezas diferentes. Nesse sentido, ele apresenta que línguas diversas funcionam em sociedades cujas organizações são similares e vice-versa. Por essas razões, não apresentam “evolução” conjuntamente; trata-se, então, da delimitação dos níveis histórico e

fundamental tanto para língua quanto para sociedade, nos quais as relações entre língua e sociedade acontecem, conforme o quadro-síntese apresentado por Carolina Knack (2016, p. 66):

Níveis	Língua	Sociedade
Nível histórico	Idioma empírico	Dado empírico, histórico: sociedade chinesa, sociedade francesa.
Nível fundamental	Sistema de formas significantes. Condição primeira da comunicação	Coletividade humana. Base e condição primeira da existência dos homens.

QUADRO 1 — ADAPTAÇÃO DO QUADRO-SÍNTESE APRESENTADO POR KNACK (2016, p. 66).

Por esse viés, o princípio das relações, em especial no nível fundamental, caracteriza o fato de que “língua e sociedade são ambas realidades inconscientes para o indivíduo” (KNACK, 2016, p. 66), ou seja, “são o meio e a expressão natural e são sempre herdadas” (KNACK, 2016, p. 66). As mudanças possíveis, por isso, dizem respeito ao uso que os indivíduos fazem, por exemplo, do léxico que acessam por meio da “apropriação” (BENVENISTE, 2006, p. 84) da língua. Esses movimentos, que são conscientes, podem depreender do “sistema fundamental da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 96), mas jamais alterá-lo.

Devemos considerar, assim, que a relação língua e sociedade se manifesta na relação de interpretância, do interpretante com o interpretado, o que se conecta à noção de significância trazida por Flores (2017). Nessa relação, em que a língua contém a sociedade, é que se encontra uma grande abertura para Benveniste dedicar-se à Semiologia da Língua, que se trata da ciência dos signos, a qual foi mencionada, mas não desenvolvida, por Saussure. Entendemos, dessa forma, que essa proposição

se justifica:

Primeiro, porque, de um lado, é possível estudar a língua sem referi-la à sociedade, e, de outro, não é possível descrever a sociedade com sua cultura “fora de suas expressões linguísticas”. Segundo, porque “a língua fornece a base constante necessária da diferenciação entre o indivíduo e a sociedade”. (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Nesses termos, embora ocorra ênfase no fato de a sociedade tornar-se significativa na e pela língua, é possível perceber que outras manifestações implicam a sociedade e a cultura, como as artes; porém, é condição exclusiva da língua a possibilidade de descrevê-las. Todos esses movimentos realizados por Benveniste, dessa maneira, reforçam suas bases enunciativas já citadas anteriormente, que envolvem o subjetivo/intersubjetivo, bem como a construção da referência no discurso. No entanto, é sob o ponto de vista de que a linguagem é prática humana, isto é, de que existe uma faculdade semântica da língua a qual está disponível para o falante em um determinado fazer social, que:

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que se desdobra em uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.

Desta vez o homem se situa e se inclui em relação à sociedade e à natureza e ele se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou uma classe de produção. A língua, com efeito, é considerada aqui enquanto prática humana, ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam do interior da língua comum. (BENVENISTE, 2006, p. 101-102).

Portanto, é a partir dessa percepção de língua que este artigo se propõe a desenvolver a análise de uma produção artística que se apropria dos elementos da língua comum a todos, cujos termos situam-se carregados de novos valores socioculturais. Nesse contexto, nesta seção nos destinamos à apresentação das bases

enunciativas para, em seguida, delimitar qual ponto de vista epistemológico adotamos para fazer a leitura do objeto escolhido, a fim de reiterar a importância da Teoria da Enunciação dentro dos estudos linguísticos.

3. DO RECORTE À ANÁLISE DE “ARLINDO”, DE LUIZA DE SOUZA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, buscamos descrever todo o percurso desenvolvido desde escolher a *webcomic* “Arlindo”, de Luiza de Souza, à análise do capítulo 28 à luz das contribuições de Émile Benveniste. Ciente de que a teoria enunciativa não se dedica à análise textual, aqui propomos um olhar sobre o texto como materialização discursiva, movimentando os locutores que se tornam sujeitos a partir da apropriação da língua e, assim, refletem não só a sociedade, mas também a cultura na qual se inserem.

Nesse contexto, ressaltamos que essa *webcomic* aborda a temática LGBTQI+ com base nas experiências de Arlindo, personagem principal, que vive uma fase de descobertas sobre sua sexualidade. Durante os capítulos, a história conta com *flashbacks* da infância dessa personagem, os quais, segundo o ponto de vista adotado neste trabalho, vão ao encontro do que Benveniste (2005, p. 27) salienta ao dizer que “o despertar da consciência da criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade”. Até a produção deste artigo, “Arlindo” não havia sido finalizada, mas já contava com 36 capítulos, os quais corroboram, de forma geral, ao que se estabelece como objeto de análise neste texto. Ainda, os objetivos que esta reflexão procura dar conta foram necessariamente traçados em função do capítulo 28, no qual, a partir do diálogo entre Arlindo e Marissa, melhores amigos na história, percebemos uma lacuna em relação à construção do referente no discurso, conforme mostra a Figura 2:

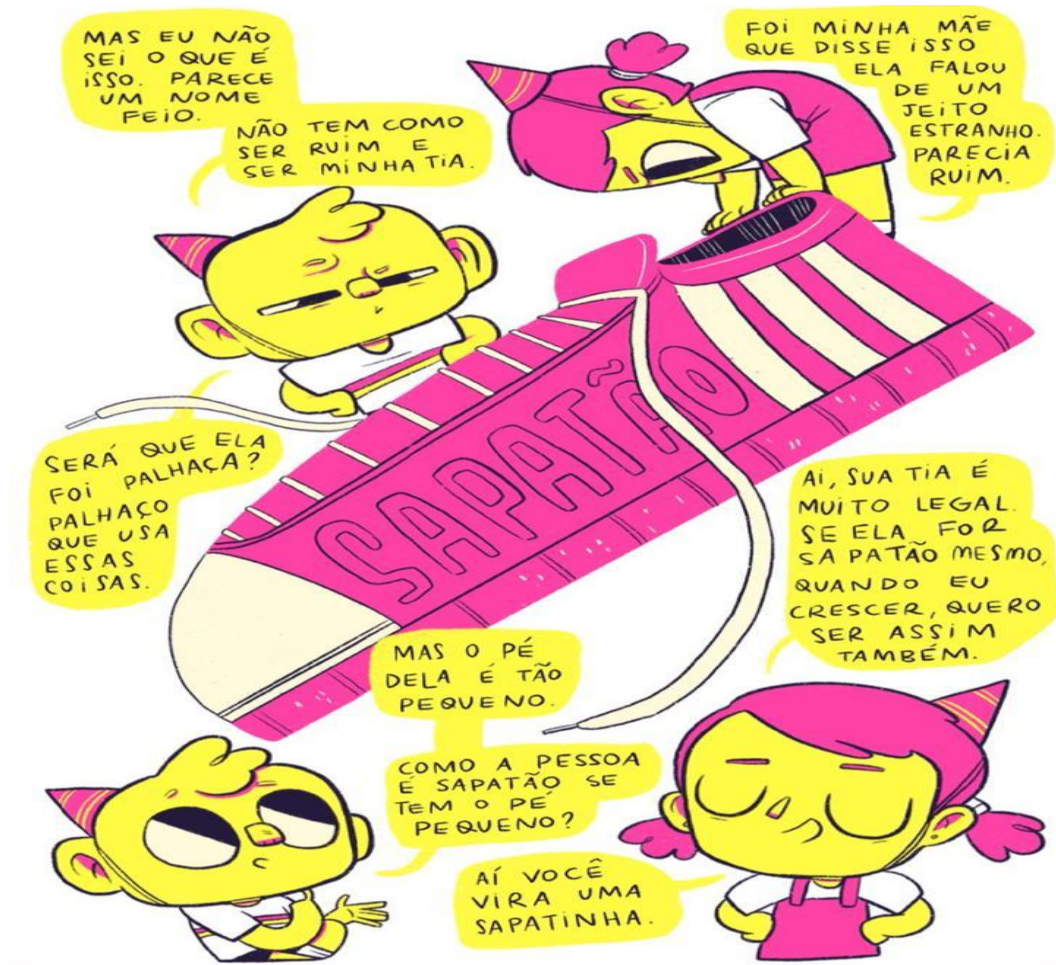


FIGURA 2 — CAPÍTULO 28 DE “ARLINDO”, DE LUIZA DE SOUZA

FONTE: Souza, 2019.

Na figura apresentada, temos uma situação de discurso (BENVENISTE, 2006, p. 84) a qual apresenta Marissa no aniversário de quatro anos de Arlindo. A personagem principal (Arlindo) recebeu um presente de sua tia, irmã de seu pai, e contou para sua amiga no capítulo 27, quando, de repente, ela o questiona sobre essa tia ser a mesma que a mãe dela chamou de “sapatão”. Em função disso, a presença da ilustração de um sapato grande traz a representação material do que se entende da adição de um sufixo aumentativo na palavra “sapato”.

Com base em uma gramática tradicional/normativa de língua, o processo de formação de palavras se dá a partir da combinação de certos morfemas lexicais (CUNHA; CINTRA, 2013). Nesse processo, os afixos de derivação, isto é, os prefixos e os sufixos, são utilizados para formar novas palavras na língua a partir de radicais existentes. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2013, p. 103), o sufixo nominal “-ão” “[é], por excelência, o formador dos aumentativos em português”. Nessa perspectiva normativa, não se discute o efeito de sentido atingido pelo uso de expressões no aumentativo, embora Cunha e Cintra (2013) assinalem que o uso de sufixos nominais, tanto “-ão” quanto “-inha”, “são mais afetivos do que lógicos” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 102). Para os autores, a formação dos substantivos, assim como a de outras classes de palavras, segue um padrão estrutural.

Em contrapartida, Flores (2013) propõe uma “gramática da enunciação” que parte da morfologia, mas propõe um “olhar diferente sobre a materialidade da língua, vendo-a como produtora de sentido e referência em relação a locutores, espaço e tempo” (FLORES, 2013, p. 06). É por essa razão que o questionamento presente no capítulo se movimenta subsidiado pela língua, e não só pela combinação de suas formas, mesmo que isso caracterize “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

No processo de enunciação, é a partir do uso e da apropriação da língua que ecoam os discursos, os posicionamentos, bem como, muitas vezes, a reiteração das concepções normativas, por isso “a língua é para o homem um meio” (BENVENISTE, 2005, p. 23). O diálogo, estrutura de suma importância em Benveniste, visto que é a responsável pelo locutor sempre pressupor o outro em uma relação de dependência discursiva, embora materializado textualmente aqui, enfatiza que a relação entre signos e seus referentes materiais não é unívoca. Nesse sentido, a escolha lexical “sapatão”, no aumentativo, não se refere a um objeto que foge do tamanho comum,

como sugere a gramática normativa para o uso do sufixo “-ão” em substantivos (CUNHA; CINTRA, 2013).

Nesse recorte, o termo “sapatão” é utilizado para referir-se a uma mulher que mantém relações homoafetivas, e que quando semantizado “pelo viés enunciativo adquire novo estatuto na linguagem” (FLORES, 2013, p. 06). Essa transformação de sentido “emana da língua em funcionamento, pois não podemos determinar o sentido *a priori* dos sufixos, porque a situação enunciativa é singular e corresponde a um sempre novo aqui-agora do locutor” (FLORES, 2013, p. 06). Além disso, a possível reflexão sobre o uso dessa palavra segue delineando-se com a fala de Marissa, que, ao escutar Arlindo falar que sua tia tem o pé pequeno, traz à tona o diminutivo da palavra, “sapatinha”, o qual marca uma movimentação de sentido do discurso. Entretanto, “o que não encontramos em gramáticas é que esses sufixos possam ser utilizados, simultaneamente, para indicar sentidos opostos” (FLORES, 2013, p. 05).

De igual forma, essa lacuna parece existir no diálogo infantil pelo fato de que, reiterando o que diz Benveniste sobre a aprendizagem da linguagem introduzir a criança na sociedade (BENVENISTE, 2005, p. 27), a nossa capacidade de representação simbólica é diretamente proporcional ao mundo que experienciamos via linguagem. Desse modo, estabelece-se a relação entre língua, linguagem e sociedade. Nesse momento, é importante, também, lançar luz à autora responsável pela produção dessa *webcomic*, pois, por trás dessa materialização discursiva tomada como objeto de análise, existe um sujeito de enunciação que lê/acessa o mundo via língua e que, a partir de “Arlindo”, proporciona-nos uma reflexão sobre a cultura como fenômeno simbólico, em consonância com os diferentes debates dos quais participamos atualmente no que tange o preconceito à comunidade LGBTQI+.

Assim, não no sentido de que há como “medir” a intenção da autora, há ênfase, novamente, no princípio unificador de Benveniste: o *eu* que enuncia sempre pressupõe um *tu*. Como pesquisadoras, neste artigo em especial, ao propor uma

leitura pelo viés da enunciação, acreditamos que as histórias em quadrinhos *online* (*webcomics*) representam grande parte da interlocução que artistas (como Luiza de Souza), professores, pesquisadores, sociólogos e filósofos vêm fazendo a fim de desmistificar assuntos que envolvem temáticas-tabu através da internet; eles propõem uma reflexão sobre como os comportamentos preconceituosos enraizados nos prejudicam ao evocar não só o que nos conecta com o mundo, a língua, mas também o conjunto de formas complexas, a cultura, ambas partes que contêm a sociedade. Por essas razões, (re)pensar Benveniste no tocante aos textos que circulam *online* significa reconhecer que “a escrita — como uma forma da fala — é a prova incontestada de que a língua pode semiotizar-se a si própria, pode interpretar a si própria. A escrita é uma face da língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 12).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das bases enunciativas benvenistianas, neste trabalho propusemos dar conta da análise de “Arlindo”, de Luiza de Souza. O interesse por um texto de circulação *online* surgiu pelo fato de que vivemos na geração da *Web 2.0* (GEE, 2009), na qual a internet desenvolve um papel fundamental não só em ampliar a comunicação, como também em dar voz àqueles que fazem parte das minorias. Nesse sentido, a necessidade de nos desconstruirmos, que busca transgredir questões sócio-histórico-culturais, só se concretiza via linguagem, já que a intersubjetividade/subjetividade se relaciona à capacidade de os locutores projetarem o outro diante de si e de se tornarem sujeitos via língua. Língua e sociedade, então, não existem uma sem a outra: elas são indissociáveis (BENVENISTE, 2006).

Cientes das questões centrais na Teoria da Enunciação, alicerçadas às aulas da disciplina de “Bases Epistemológicas da Linguística”, na segunda seção buscamos contemplar os tópicos essenciais de tal vertente teórica, em função dos três objetivos

apontados na introdução deste texto: abordar a cultura como fenômeno simbólico, perceber como se estabelece a relação língua, linguagem e sociedade, e refletir sobre a materialização da língua como possível resultado do processo de enunciação. Ao revisitar as noções de intersubjetividade/subjetividade, os axiomas língua e linguagem, desde o sujeito de enunciação até a linguagem como prática humana, visamos a adotar um ponto de vista epistemológico, movimento necessário quando se pretende partir de Benveniste, conforme pontua Flores (2016), à análise do capítulo 28 de “Arlindo”.

Dessa forma, na terceira seção nos destinamos a explicar o contexto do recorte escolhido, visto que analisar a *webcomic* completa não permitiria refletir sobre pontos específicos da materialização discursiva, como se faz necessário para dar conta dos objetivos. O capítulo 28 articula, de forma muito intensa, primeiro, o que se estabelece como fenômeno simbólico: como língua e sociedade se concebem mutuamente e como a cultura é marcada por essa relação. Assim, é a partir da língua que se torna possível acessar ambas (sociedade e cultura) e transformá-las. Nesse sentido, o diálogo desse capítulo torna-se um exemplo textual para a noção de construção do objeto de discurso/da referência; a lacuna semântica nesse diálogo das personagens dá-se por elas não conseguirem estabelecer que a língua não é um espelho do mundo, logo, os objetos não são nomeados *a priori*.

O jogo com as formas da língua, o uso dos sufixos “-ão” e “-inha”, movimenta no interlocutor uma reflexão sociocultural. Por trás dessa instância de discurso, carregam-se comportamentos e definições culturalmente cristalizadas que dizem respeito à forma como nos organizamos socialmente. Dessa forma, temos a materialização da língua como possível resultado do processo de enunciação: a autora, que é um sujeito de enunciação, coloca em questionamento, a partir da língua, modos de dizer que são reflexos dessas relações culturais.

Por fim, é importante salientar que reorientar o ponto de vista epistemológico sempre atribuído a Benveniste significa estar ciente do que as últimas publicações do autor deixam como horizontes para a atualidade. Lançar um olhar sobre o sujeito, neste caso, a autora, que apresenta marcas de seu processo de enunciação em “Arlindo”, faz com que essa instância de discurso constitua “um centro de referência interno” (BENVENISTE, 2006, p. 84) que “vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação”. Portanto, é quando a existência da relação língua, linguagem e sociedade torna-se inquestionável: “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 2006, p. 85).

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. “Da subjetividade na linguagem”. In _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Tradução de Maria Glória Novak. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 284-293.

_____. “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”. In _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Marco Antônio Escobar. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 93-104.

_____. “O aparelho formal da enunciação”. In _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Marco Antônio Escobar. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 81-90.

_____. “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”. In _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Tradução de Maria Glória Novak. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 19-33.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. “As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste”. *ReVEL*, n. 7, p. 01-14, 2013. Edição especial.

FLORES, Valdir do Nascimento. “As teorias enunciativas e a linguística no Brasil: o lugar de Émile Benveniste”. *Antares*, v. 8, n. 15, jan./jun p. 02-14, 2016. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/4395/2529>. Acesso em 21 jun. 2019.

____. "Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação". *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 13, n. 1, jan./abr, p. 09-18, 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6828>. Acesso em 24 jul. 2019.

____. "O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal". *Letras & Letras*, v. 29, n. 1, p. 01-07 3 set. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25925>. Acesso em 24 jul. 2019.

GEE, James Paul. *The anti-education era: creating smarter students through digital learning*. Reino Unido: Palgrave MacMillan, 2009.

KNACK, Carolina. *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*. 164p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SOUZA, Luiza de. Arlindo. Natal/RN, 11 jun. 2019. Twitter: @ilustralu. Disponível em: <https://twitter.com/i/moments/1093180477198999552>. Acesso em 18 jul. 2019.

Recebido em: 02/03/2020

Aceito em: 07/06/2020